

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E  
NARRATIVA NUMA SOCIEDADE  
CONECTADA POR REDES**

**MERI NADIA MARQUES GERLIN**  
**(Organizadora)**

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E  
NARRATIVA NUMA SOCIEDADE  
CONECTADA POR REDES**

**Editora**  
**FCI/UnB 2018**



Universidade de Brasília

**Reitora**

Márcia Abrahão Moura

**Vice-reitor**

Enrique Huelva Unternbäumen

**Decanato de Administração (DAF)**

Decana: Maria Lucilia dos Santos

**Decanato de Assuntos Comunitários (DAC)**

Decano: André Luiz Teixeira Reis

**Decanato de Ensino de Graduação (DEG)**

Decano: Sérgio Antônio Andrade de Freitas

**Decanato de Extensão (DEX)**

Decano: Olgamir Amancia Ferreira

**Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação (DPG)**

Decana: Helena Eri Shimizu

**Decanato de Pesquisa e Inovações (DPI)**

Decana: Maria Emília Machado Telles Walter

**Decanato de Gestão de Pessoas (DGP)**

Decano: Carlos Vieira Mota

**Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional (DPO)**

Decana: Denise Imbroisi

**Faculdade de Ciência da Informação (FCI)**

Diretora:

Elmira Luzia Melo Soares Simeão

Vice-diretora:

Fernanda de Souza Monteiro



Universidade Federal  
do Espírito Santo

**Reitor**

Reinaldo Centoducatte

**Vice-reitora**

Ethel Leonor Noia Maciel

**Pró-Reitoria de Administração (Proad)**

Pró-Reitora: Teresa Cristina Janes Carneiro

**Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (Proaeci)**

Pró-Reitor: Gelson Silva Junquilha

**Pró-Reitoria de Extensão (Proex)**

Pró-Reitora: Angélica Espinosa Barbosa Miranda

**Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep)**

Pró-Reitor: Cleison Faé

**Pró-Reitoria de Graduação (Prograd)**

Pró-Reitora: Zenólia Christina Campos Figueiredo

**Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG)**

Pró-Reitor: Neyval Costa Reis Junior

**Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional  
(Proplan)**

Pró-Reitor: Anilton Salles Garcia

**Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE)**

Diretor: Rogério Naques Faleiros

**Departamento de Biblioteconomia (DBIB)**

Chefia: Jose Alimatéia de Aquino Ramos

Vice-chefia: Gleice Pereira

© **Meri Nadia Marques Gerlin (2018)**

Todos os direitos em língua portuguesa, no Brasil, reservados de acordo com a lei. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou informação computadorizada, sem permissão por escrito da autora. Esta é uma publicação da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília e do Departamento de Biblioteconomia da UFES, Brasil.

**Revisão**

Laboratório de Editoração e Normalização (UFES)

**Normalização e projeto Gráfico**

Denise Bacellar Nunes (UnB)

**Capa**

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

**Diagramação**

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

**Conselho Editorial**

Denise Bacellar Nunes (UnB)

Elmira Simeão (UnB)

Marta Leandro da Mata (UFES)

**Comitê Científico**

Adriana Alcará (UEL)

Eduardo Valadares da Silva (UFMG)

Elmira Simeão (UnB)

Iguatemi Santos Rangel (UFES)

Márcia Marques (UnB)

Marta Leandro da Mata (UFES)

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Taiguara Villela Villela (UFES)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

G371c Gerlin, Meri Nadia Marques (Org.).

Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes / Meri Nadia Marques Gerlin (Org.). – Brasília: Faculdade de Ciência da Informação / Universidade de Brasília, 2018.

364 p.; Color. Coleção No balanço das redes: tradição e tecnologia (Vol. 2)

ISBN: 978-85-88130-49-4

1. Memória social. 2. Narrativa oral. 3. Competência narrativa. 4. Competência em informação. 5. Contador de histórias. 6. Rede Colaborativa. I. Título.

CDU 02:37

# DEDICATÓRIA

Esta obra compõe a coleção “No balanço das redes: tradição e tecnologia” sucedendo a publicação denominada “Tecendo redes e contando histórias: competências em informação e narrativa na contemporaneidade”. Tendo em vista que o primeiro volume é uma adaptação do contexto teórico de uma tese de doutorado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB), acrescenta-se que esta coletânea é resultado de um processo de investigação que se desdobrou em uma diversidade de outras pesquisas e, por conseguinte, que estabeleceu parcerias que levaram à constituição deste exemplar: “Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes”.

Em razão do exposto, torna-se importante dedicá-la aos atores sociais que de alguma forma contribuíram com a sua composição e aos colaboradores que organizaram artigos alimentados pelos temas de interesse da rede de colaboração do projeto “No balanço das redes dos contadores de histórias”; registrado como extensão universitária na UnB e projeto de pesquisa na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Por terem aceitado ao desafio de escrever sobre temas relacionados com os seus contextos de investigações teóricas e práticas cotidianas, organizando, com isso, um conjunto de diálogos enredados e tecidos com os fios das mais valiosas experiências. Ao que tudo indica, as suas pesquisas e os seus relatos foram tingidos com os tons de uma atuação que dia após dia fora constituída nos territórios da biblioteca, da universidade, do museu, da escola, do centro de educação infantil, do arquivo público e do ciberespaço.

Dedica-se ao mesmo tempo em que se demonstra uma especial gratidão ao “profissional, pesquisador e leitor” disposto a conhecer esta obra coletiva, esperando que gostem de ler aos artigos tanto quanto os seus autores sentiram prazer em escrevê-los. Organizá-los neste espaço de divulgação tornou-se uma consequência, perante ao desejo de uma boa leitura e um bom aproveitamento dos textos e contextos que lhes são apresentados no campo da competência em informação e da narrativa oral.

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 204).

# SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO</b> .....	10
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	18

<b>PARTE I – COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: PROCESSOS INTER-RELACIONADOS COM A MEMÓRIA, ORALIDADE E CONEXÃO EM REDES</b> .....	24
--	----

<b>LEITURA, NARRATIVA E MEDIAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO</b> .....	25
--	----

Maira Cristina Grigoletto

<b>COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: QUESTÕES TERMINOLÓGICAS E CONCEITUAIS</b> .....	48
---	----

Marta Leandro da Mata

<b>A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA</b> .....	79
---	----

Marta Leandro da Mata e Adriana Alcará

<b>NO BALANÇO DAS REDES DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS: A IDENTIFICAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS DOS NARRADORES CONTEMPORÂNEOS</b> .....	106
---	-----

Meri Nadia Marques Gerlin e Elmira Luzia Melo Soares Simeão

<b>TROCAS DE EXPERIÊNCIAS NO CAMPO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: COLABORAÇÃO E ORALIDADE NO AMBIENTE DIGITAL DO YOUTUBE</b> .....	133
---	-----

Elijance Marques dos Santos e Meri Nadia Marques Gerlin

<b>ORGANIZAÇÃO DE DOCUMENTOS MULTIMÍDIA: PROPOSIÇÕES PARA RECUPERAÇÃO SEMÂNTICA DA INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DIGITAIS</b> .....	159
---	-----

Daniela Lucas da Silva Lemos e Renato Rocha Souza

<b>TRANSDISCIPLINARIDADE PARA AS REDES: FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIA EM COMUNICAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMPUTAÇÃO PARA A GESTÃO DA MEMÓRIA</b> .....	177
--	-----

Márcia Marques, Alzimar Ramalho, Benedito Medeiros Neto, David Renault da Silva, Joyce Del Frari Coutinho, Mônica Regina Peres, Marcelo Souza de Jesus e Tatyane Mendes Ferreira

<b>PARTE II – COMPETÊNCIA NARRATIVA: PROCESSOS INTER-RELACIONADOS EM ESPAÇOS TEMPOS DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA</b> .....	204
---	-----

<b>NO BALANÇO DE QUEM SEMPRE OUVIU E CONTOU HISTÓRIAS.</b>	205
--	-----

Silvana Soares Sampaio

**NARRATIVAS E CONTOS AFRICANOS: O RESGATE DA TRADIÇÃO ORAL A PARTIR DAS NARRATIVAS DOS GRIOTS ..... 222**

Ana Claudia Borges Campos, Meri Nadia Marques Gerlin, Cláudia Maria de Oliveira e Fábio Vieira Pereira

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UM DESAFIO PARA OS BIBLIOTECÁRIOS ..... 238**

Elane Couto Uliana

**TRADIÇÃO ORAL NA BIBLIOTECA ESCOLAR POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ..... 263**

Ingrid Simões Pereira, Márcia Helena da Silva Marques e Maria Giovana Soares

**SILÊNCIO! VOCÊ ESTÁ NA BIBLIOTECA: LER, CANTAR E CONTAR HISTÓRIAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR ..... 290**

Eduardo Valadares da Silva, Fabiano de Oliveira Moraes e Marcela Lopes Mendonça Coelho Amorim

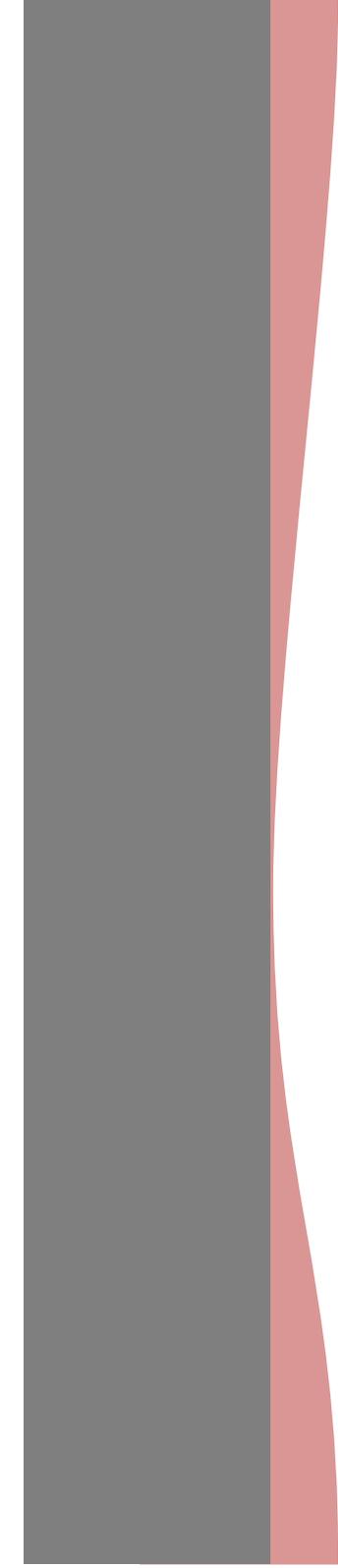
**PROJETO CONTOS QUE ENCANTAM: UMA PRÁTICA DE INCENTIVO À LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS ..... 311**

Iguatemi Santos Rangel e Amanda Xavier

**A PRESENÇA DE NARRATIVAS ORAIS NO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO ..... 331**

Taiguara Villela Aldabalde e Philippe Peterle Modolo

**SOBRE OS AUTORES ..... 352**



**PARTE II**

**COMPETÊNCIA NARRATIVA:  
PROCESSOS INTER-RELACIONADOS  
EM ESPAÇOS TEMPOS DE  
INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E  
CULTURA**

# NO BALANÇO DE QUEM SEMPRE OUVIU E CONTOU HISTÓRIAS

*Silvana Soares Sampaio<sup>42</sup>*

## **RESUMO**

Tendo como objetivo narrar minha trajetória como contadora de histórias contemporânea, apresento um relato baseado em uma entrevista recentemente concedida. Dizem que “Ler é viajar sem sair do lugar”. Gosto dessa afirmação, ela é absolutamente real, tanto para a leitura quanto para as histórias ouvidas, ambas permitem que a imaginação corra solta criando diferentes imagens de mundos fantásticos, de lugares longínquos que talvez nunca visitemos, nos possibilitam a identificação com sentimentos, atitudes, emoções, personagens. Com elas aprendemos nos modificamos, nos tornamos mais sensíveis, mais humanos na medida em que nos comunicamos em redes.

**Palavras chave:** Contação de histórias; Narrador de histórias; Literatura brasileira.

---

<sup>42</sup> Especialista em Docência do Ensino Superior. Academia Feminina Espírito-Santense de Letras. Vitória, ES, Brasil. e-mail: silvanasoressampaio@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Contar histórias é uma prática que pode ser adquirida em cursos e outras atividades de formação tendo como meta possibilitar o processo de profissionalização e, principalmente, em movimentos e momentos de compartilhamento de conhecimentos dessa área de atuação com narradores da tradição. O verdadeiro narrador é aquele que compartilha uma experiência que passa de pessoa para pessoa. “Uma experiência quase cotidiana [que] nos impõe a exigência dessa distância e desse ângulo de observação” (BENJAMIN, 1994, p. 197).

Diante da necessidade de intercambiar experiências na sociedade em que vivemos, me coloco na posição de uma contadora de histórias atravessada pela docência e pela literatura ao escrever este capítulo, tendo como objetivo narrar minha trajetória como contadora de histórias contemporânea, ao proceder a um relato baseado em uma entrevista recentemente concedida (DAHER REZENDE-FORINGER, 2017).

## DESENVOLVIMENTO

### *A ARTE DE NARRAR HISTÓRIAS DESENVOLVIDA EM TERRITÓRIOS DE EDUCAÇÃO E CULTURA*

Meu nome é Silvana Soares Sampaio, nasci em outubro de 1952 na cidade de São Paulo, com 26 anos mudei-me para Vitória onde vivo até hoje. Costumo dizer-me Paulixaba: uma mulher de raízes paulistanas cujos galhos flores e frutos brotaram no Espírito Santo, terra para quem entreguei meu coração.

Sou professora, contadora de histórias e escritora, nessa sequência. Sou muito mais professora que contadora de histórias e muito mais contadora de histórias que escritora. Acho que já nasci professora e contadora de histórias porque desde pequena dava aulas e

contava histórias para minhas bonecas e para minhas amiguinhas. Escrever sempre foi uma prática de vida, mas nunca pensei em publicar, tanto que meu primeiro livro só foi publicado em 2000, quando já estava com quase 50 anos. Foram quatro: Aventuras de um Vermelho Inquieto que é a história de uma cor que não se conforma em viver presa num quadro e foge para correr mundo e conhecer a história da arte; Roda-Vida – poemas infantis que, como diz o nome são poemas para crianças, muitos deles resgatando músicas, brincadeiras e mitos do folclore brasileiro; Lendas Capixabas em Versos onde reconto de forma poética lendas que fazem parte do rico imaginário do Espírito Santo; e Vento Sul, também um texto poético onde exploro a riqueza do vocabulário brasileiro e a diversidade de nomes que tem um mesmo brinquedo: o papagaio de papel.

Fiz o curso Normal, assim era chamado o curso que é hoje o Magistério e prepara professores para as séries iniciais do Ensino Fundamental, em seguida fiz uma especialização para trabalhar com Educação Infantil, uma vez que já trabalhava nesta área desde os 17 anos, cursei a Faculdade de Artes Plásticas na Fundação Armando Alvares Penteado, também com ênfase na educação, preparando-me para exercer o magistério em salas mais avançadas do Ensino Fundamental e Médio, finalmente cursei uma especialização em Docência do Ensino Superior que me habilitou a dar aulas em Faculdades, coisa que nunca fiz porque sempre gostei muito mais do trabalho com crianças e adolescentes.

Tive muita sorte no início de minha carreira profissional em trabalhar numa escola de Educação Infantil. Foi lá que comecei a tomar consciência da importância de contar histórias que me acompanhou ao longo da vida, mesmo quando trabalhei com crianças e jovens de níveis mais avançados de escolarização. Fazia parte da rotina desta escola contar uma história diariamente.

Nessa escola aprendi também a importância dos registros escritos como forma de reflexão sobre o ensino, a educação, e que

acabei utilizando também para refletir sobre a arte de contar histórias – tínhamos, cada um de nós professores, um caderno de relatórios semanais de todas as atividades que desenvolvíamos, bem como a reação das crianças, as dificuldades encontradas, por nós e por elas, o que havia dado certo ou não, e outras tantas coisas que em reunião semanal eram discutidas com a pedagoga, a orientadora educacional e a psicóloga da escola. Muitas vezes me aborreci com essa prática, só mais tarde me dei conta do quanto ela foi importante para mim, foi a partir dela que surgiu a Silvana escritora, observadora e habituada a refletir sobre os mais diferentes assuntos da vida. Sou muito grata a essas profissionais experientes e exigentes do Jardim Escola Alto de Pinheiros, em São Paulo, que iluminaram os caminhos que eu percorreria no futuro.

Outro fato que muito influenciou minha vida foi ter nascido numa família de contadoras de histórias cujos relatos permearam toda a minha infância. Desde muito cedo descobri o fascínio e o encantamento proporcionado pelas histórias que acabaram provocando em mim o desejo imenso de aprender a ler e mais adiante de contar histórias também.

Tenho recordações de um período em que era pouco mais que um bebê, sentada numa cama macia e fofinha e, se ficar bem quieta ainda sou capaz de escutar a voz de minha bisavó Angelina contando-me histórias em italiano. Elas eram todas rimadas, lidas em pequenos jornais envelhecidos pelo tempo, e que ela guardava ciosamente para entreter os netos e bisnetos. Eu não entendia o que dizia, mas gostava imensamente da voz dela, dos sons e da cadência dos diálogos poéticos. Tudo isso, mais tarde, ajudou-me na escolha do repertório de histórias para crianças bem pequenas. A sonoridade, não apenas das músicas, mas também das palavras sempre as encanta e prende sua atenção.

Minha avó Wanda contava também muitas histórias com os mais variados temas. A grande característica de suas histórias era envolver a nós, crianças ouvintes, como personagens das histórias. Não éramos personagens principais, mas estávamos sempre nas cenas narradas com

pequenas atribuições ou como meros espectadores. Nunca vou me esquecer de ter carregado o véu de noiva das muitas princesas encantadas, ou de ter ficado embaixo da mesa de banquete das festas reais comendo guloseimas derrubadas, sem querer, por um conviva. Wanda ensinou-me o quanto as crianças gostam de participar das histórias dando-me mais uma pista para minha atuação como contadora de histórias no futuro.

Minha mãe, Déa, teve importância fundamental na minha formação de leitora, muito cedo descobri as maravilhas guardadas nos livros. Todas as noites ela fazia meu irmão e eu adormecermos com uma história, que era sempre lida. Foi ela quem nos apresentou os clássicos da literatura infantil em sua linguagem original, sem a pasteurização a que foram submetidos nos tempos atuais. Isso foi fantástico porque cada vez mais nosso vocabulário se enriquecia, além dessas histórias terem oportunizado lidarmos, sem o sabermos, no plano inconsciente, com sentimentos tão humanos como o ciúme, a inveja, a cobiça, e tantos outros. Mais ainda, com a capacidade de vencer pela inteligência, pela persistência e que certamente nos deram, a mim e a meu irmão, a percepção de que sempre há uma saída para as dificuldades da vida. Contos de fadas devem fazer parte do repertório de todo o contador de histórias!

Devo falar também de tia Zélia, irmã de minha avó, que eu encontrava ocasionalmente quando ela visitava São Paulo, reunindo a família que se sentava na cozinha da casa de vovó para ouvi-la contar suas peripécias pelo mundo. Ela o fazia com graça, elegância e bom humor que prendiam a atenção de todos nós, crianças e adultos. Muitas dessas histórias depois foram registradas nos livros que escreveu e que hoje correm mundo em diversos idiomas. Trata-se de Zélia Gattai, autora de *Anarquistas Graças a Deus*, *Chapéu para Viagem*, dentre tantos outros. Zélia ensinou-me o quanto relatos de vida podem ser belos e atraentes para os ouvintes, isso ajudou-me sobremaneira como professora e contadora de histórias para adolescentes.

A estas maravilhosas criaturas de minha família com quem convivi na infância, adolescência, juventude e maturidade minha eterna gratidão. Todas foram motivadoras de poemas, que reuni a outros tantos, dando origem a um dos livros que publiquei em 2008 de nome *Roda Vida – poemas infantis*.

As primeiras ouvintes que tive, aliás bastante passivas, foram minhas bonecas. Como todas as crianças eu repetia nas brincadeiras, cenas do cotidiano e, para mim, ouvir histórias era parte do cotidiano. Provavelmente a passividade delas permitiu-me trabalhar a espontaneidade e a expressividade, comportamentos tão importantes para tornarem bonita uma narrativa oral. Minhas bonecas nunca me intimidaram!

Nessa época contava histórias também para minhas amiguinhas e, de forma inconsciente, aprendia coisas. Algumas vezes as histórias não agradavam e eu era por elas deixada falando sozinha, aprendi a lidar com a frustração de nem sempre encontrar um público receptivo. Algumas vezes, não muitas, já na vida adulta, deparei-me com a frieza da plateia, muitas consegui reverter mudando o tipo de história, fazendo o público participar da narrativa, outras não. Há públicos tão desabitutados a atividades como essa, que precisariam de um trabalho regular, como sempre fiz nas escolas em que trabalhei, para que eles descobrissem o encantamento de parar, concentrar-se, ouvir, e deixar-se mergulhar no sonho que as histórias proporcionam.

A primeira história que contei não me lembro, mas lembro-me bem de uma que era muito apreciada pelas crianças com quem trabalhei no início de minha carreira como professora, chama-se o Lobo e os cabritinhos, trata-se de uma narrativa mesclada com músicas, muito ao gosto dos pequeninos. Aprendi essa história na infância ouvindo-a em um disquinho colorido de vinil que tocava na vitrola. Coisa antiga, não é? Era a tecnologia começando a invadir os espaços de encontro dos seres humanos...

Recordo-me sim, da primeira história que contei para um público adulto, de talvez 300 pessoas, foi no início dos anos 90 e me fez tremer nas bases. Era final de um curso ministrado pela equipe da Biblioteca Nacional-PROLER, em Vitória. Para mim foi um enorme desafio porque grandes públicos sempre me intimidaram, esse desafio, depois de vencido, mostrou-me a possibilidade de contar histórias não apenas para meus alunos, mas também em todos os lugares. Conteí Sonhos, um conto de Moacyr Scliar. Estava muito nervosa, mas minha performance foi apreciada e fui muito aplaudida, excelente motivação que me levou a prosseguir ampliando meu universo de espectadores.

Porque conto histórias? Ora, sempre acreditei que uma sociedade leitora pode ser uma sociedade melhor, mais humana. Como fui seduzida pela leitura porque ouvi muitas histórias na infância, ler sempre me proporcionou muito prazer, livros me fizeram companhia, o prazer de ler fez de mim uma pessoa estudiosa, porque então não lançar mão da mesma estratégia para seduzir novos leitores e levá-los aos livros? Foi o que fiz e vou continuar fazendo enquanto Deus me permitir!

Devo confessar que contar histórias também faz muito bem para mim! É mágico ver o encantamento nas fisionomias daqueles que me escutam. Olhos que brilham... Sorrisos... Expressões faciais que se modificam... Bocas abertas, embasbacadas... Uma delícia!

A meta do contador de histórias, em princípio é de promover o encantamento pelos textos que narra, e como consequência provocar o desejo em seus ouvintes de irem aos livros buscá-los por si mesmo. Há contadores que contam história apenas pelo espetáculo artístico em si e, ainda assim, acabam aproximando seu público dos livros, apenas dão um pouco mais de trabalho para seus ouvintes, que terão que descobrir por si mesmos de onde vêm aqueles textos apresentados de forma mais ou menos teatralizada, e as vezes escondidos por fantasias e maquiagens exóticas.

Devo mencionar também que o ato de ouvir e contar histórias promove o encontro entre pessoas e abre espaço para o diálogo, tão

necessários num tempo em que vivemos mergulhados em atividades altamente individualizantes promovidas pelo desenvolvimento tecnológico.

Minha experiência como professora-contadora-de-histórias foi muito rica: lia, contava, apresentava apenas fragmentos de texto de algum livro, dizia poesias e isso fazia com que meus alunos, de todas as faixas etárias, me aguardassem ansiosos esperando sempre por uma novidade. Ligações de afeto e confiança estabeleceram-se a partir dessas situações, o que tornou minha vida de professora muito mais suave. Eles gostavam de mim, confiavam em mim, falavam-me de suas vidas e hoje quando os encontros, já adultos, festejam o reencontro lembrando os momentos bons vivenciados por nós. Algo semelhante com as ligações de afeto e confiança que estabeleci na infância com as mulheres contadoras de histórias de minha família e que trago comigo até hoje, mesmo depois de elas terem partido para outro plano.

Todos somos contadores de histórias em potencial, mas, são necessários alguns cuidados para que elas de fato encantem quem as ouve.

Muito do que desenvolvi para contar histórias foi intuitivo, provavelmente registros inconscientes do que vivenciei ouvindo-as na infância. Só mais tarde comecei a refletir sobre isso e acabei elencando alguns itens que entendo como importantes e que uso quando dou cursos para formar novos contadores de histórias. Cursos que ministro desde meados da década de 1990.

No início da década de 1990 a Biblioteca Nacional tinha um programa de incentivo à leitura, chamado PROLER, que percorria os estados brasileiros promovendo seminários, cursos e oficinas. No ES foram promovidos muitos encontros para formação de professores e bibliotecários. Eles traziam grandes escritores de literatura infantojuvenil, ilustradores, contadores de histórias, teóricos da literatura, e durante 3 ou 4 dias promoviam uma maratona de cursos, palestras e oficinas. Particpei de todos os seminários aprendendo muita

coisa com grandes contadores de histórias como Benita Prietto, Celso Sisto, Eliana Yunes, Gregório Filho, Marilda Castanha e tantos outros. Na época tive também contato com Marina Colassanti, Afonso Romano de Santana, Ângela Lago, Bartolomeu Campos Queiroz e outros tantos escritores de renome.

Foi um período muito rico em aprendizado e que somado à experiência que já possuía, me habilitou para num breve futuro começar a dar cursos formando novos contadores de histórias e incentivadores da leitura.

### *ESTRATÉGIAS QUE CONDUZEM A UM BOM DESEMPENHO DO CONTADOR DE HISTÓRIAS*

Quanto às estratégias para se tornar um bom contador de histórias, menciono como primeira, e mais importante: gostar de ler e ler muito, ser um apaixonado pela beleza dos textos escritos, só assim será possível descobrir e selecionar as histórias que irá contar: pela qualidade literária dos textos, pela sonoridade das palavras, pela adequação dos conteúdos e tamanhos das histórias segundo os interesses e possibilidades de cada faixa etária, para isso é preciso também que o contador de histórias tenha algum conhecimento sobre as fases do desenvolvimento infantojuvenil.

Para obter um bom desempenho o contador precisa se conscientizar de que contador de histórias não é ator de teatro, ele não está interpretando, ele está narrando. Deve segurar seu público com os olhos, com as expressões faciais, com a modulação da voz e uma boa dicção, com a observação permanente de imprimir um ritmo adequado à cada narrativa, com movimentos comedidos de corpo. O contador de histórias não deve nunca perder o foco de que, a grande estrela em uma sessão de narrativa oral é o texto narrado e não quem o está narrando.

Quando as sessões forem para grupos de crianças com pouca idade o contador de histórias poderá lançar mão de recursos materiais

que o ajudem a segurar o foco de atenção dos pequeninos como um boneco, um bicho de pelúcia, um fantoche, máscaras, um objeto, o próprio livro ilustrado (caso o grupo seja pequeno e todos possam enxergar) enfim, aquilo que sua criatividade lhe sugerir para reforçar a ideia da história, de um determinado personagem, etc... Crianças pequenas precisam quase sempre de um apoio visual junto com a narrativa.

É muito importante que ao final de cada narrativa o nome da história e do autor sejam mencionados e, melhor ainda, se o contador mostrar o livro onde ele leu aquela história.

Quanto à escolha de repertórios o contador de histórias deve iniciar sua escolha pelas histórias que gosta, costumo recomendar que não contem histórias que, por algum motivo, não o encantaram, mesmo sem o querer ele não a tornará encantadora para o público. E não se preocupe com isso porque certamente ela encantará a outro contador de histórias que a contará, ou então, ela realmente não valia a pena ser contada. Quando digo isso não quero dizer que se deva sonegar livros só porque você não se identificou com eles, se o livro tiver valor literário e você é professor ou bibliotecário deve colocá-lo nas prateleiras, estantes, “caixinhas de leitura”, para que sejam lidos e apreciados por outras pessoas.

Tendo feito essa introdução posso dizer com segurança que no meu repertório só estão as histórias que gosto. Elas são selecionadas pela faixa etária do grupo que vai ouvi-las e caso o grupo seja heterogêneo procuro mesclar histórias que possam agradar a todos.

Na seleção de repertório levo em consideração o lugar em que vou contar as histórias. Em hospitais, por exemplo, levo histórias alegres que levantem o ânimo de quem as escuta. Nada que possa deprimir o público que por força das circunstâncias já está sofrendo. O mesmo é levado em consideração quando o grupo de ouvintes é de idosos e nesses casos vou com repertório alegre e bem pequeno, muito mais

predisposta a ouvi-los. Os idosos sempre têm muitas histórias para contar. Aprendo muito, e eles ficam felizes em dividir suas histórias!

Não conto histórias apenas para crianças, conto também para adultos e já o fiz em Convenções, Seminários, Museus, Feiras Literárias, Asilos de idosos e de deficientes, Feiras livres, Shopping Center, Livrarias, Praças públicas, Bibliotecas e também em Escolas públicas e privadas, Faculdades, Reuniões de pais, de professores, etc... Desta forma, meu público tem sido muito eclético e de várias camadas sociais.

Em se tratando de escolas, o público mais receptivo num primeiro momento é o das crianças, sejam de escolas públicas ou particulares. Os jovens e principalmente os adolescentes, costumam resistir um pouco, olham-me com cara de quem está achando que ouvir histórias é coisa para crianças, aos poucos vão relaxando, se envolvendo com as narrativas e ao final pedem mais.

Sabendo selecionar o repertório meninos e meninas apreciam as mesmas histórias. Lendas e Fábulas agradam a todos, inclusive aos adultos. Os Contos de Fadas são especialmente apreciados por crianças entre 7 e 9 anos de ambos os sexos. Os pequeninos se interessam mais por histórias de bichos, histórias cantadas, narrativas ricas em rimas, em sons onomatopaicos e, nenhuma delas pode ter longa duração.

Em locais públicos surgem ouvintes de diferentes faixas etárias então costumo mesclar histórias atraentes para as diversas faixas de idade.

A apreciação e a receptividade do público estão mais ligadas à escolha do repertório para cada grupo de idade, do que ao sexo e a classe social. Por isso a importância do contador de histórias em conhecer as características e os interesses de cada faixa etária na hora da seleção do repertório.

Só conto as histórias que gosto, mas como todo contador de histórias tenho em meu repertório algumas de que gosto mais, histórias que me tocam o coração por motivos absolutamente pessoais.

Uma delas é uma narrativa em versos de autor desconhecido e sem título, que aprendi na infância com minha avó. Ela é muito apreciada pelo público jovem e adulto, porque para os jovens significa um mergulho num universo que não vivenciaram e para os mais velhos, um despertar de recordações de situações já vividas. Trata-se da história de um caipira, e por isso é narrada na linguagem característica das pessoas que nasceram e viveram no interior de São Paulo, de erres muito fortes e palavras pronunciadas de uma forma bem peculiar, que vai morar no Rio de Janeiro no início do século XX, e vivencia as venturas, desventuras e aventuras de andar no Bonde do Cascadura, transporte público usado na época, implantado e explorado pela empresa inglesa Light. É uma história toda rimada, o que dá a ela uma sonoridade agradável, além de ter um conteúdo bem humorado e jocoso.

Outra história que gosto muito é a do Lobo e dos Cabritinhos, que já mencionei anteriormente. Ela remete-me à infância de meus filhos, hoje homens feitos, que a ouviram muitas vezes e até hoje, brincam comigo pedindo: “- Mãe, conta a do Quim-cóin-cóin”, onomatopeia que é parte do refrão da música cantada pelos cabritinhos durante a história, e que para eles, virou o nome da história. Já comecei a contá-la, ou melhor, cantá-la para minha neta, ela ainda é um bebê. Bem que gosta!

Chego então a uma fábula pela qual tenho especial apreço que foi recontada por muitos autores e encontra-se em inúmeros livros, trata-se de A Formiga e a Neve. Seu reconto aparece em duas versões, uma em que a formiga é punida pela sua persistência e morta no final da história, com um cunho ideológico claramente alienante e que reforça a submissão, e outra em que a formiga é premiada pela virtude da perseverança. Naturalmente é essa a versão que conto.

Gosto desta história porque descobri com ela que muitas vezes contamos histórias para nós mesmos.

Durante um determinado período de minha vida, embora eu já tivesse um bom repertório de histórias memorizadas, todas as vezes que

era convidada para contar, ela sempre estava presente. Anos mais tarde, refletindo sobre meu fazer como contadora de histórias e também sobre minha vida, descobri que era para mim que contava aquela história. Nela buscava a perseverança e a persistência da formiguinha em um período muito difícil da minha vida. Concordo com Antonio Candido quando diz que os seres humanos precisam tanto da ficção quanto do sonho durante o sono, e que se privados de um deles podem enlouquecer.

### *A VALORIZAÇÃO DO ATO DE NARRAR E DA PROFISSÃO DO CONTADOR DE HISTÓRIAS*

Nós contadores de histórias vivenciamos coisa muito agradáveis e algumas nem tanto em nossos percursos. Dos prazeres que tive há um que mencionei anteriormente sobre presenciar o encantamento das pessoas durante o desenrolar das narrativas, é inesquecível e emocionante. Outro foi ver o acervo das bibliotecas muitíssimo movimentado nas escolas em que trabalhei e mantive projetos regulares de contação de histórias para todas as turmas, isso sempre me deixou muito feliz. Outra alegria é encontrar antigos alunos e ouvir o quanto se lembram das histórias que contei e da saudade que sentem. Gosto muito também dos beijos e abraços que recebo, das palavras gentis e delicadas que ouço, após as sessões de histórias.

Quanto a amarguras, diria que é só uma, a falta de percepção, ainda, da maioria dos gestores escolares em não valorizar a atividade do contador de histórias como um trabalho tal como qualquer outro para enriquecer o currículo de seus alunos. Há escolas que contratam caros espetáculos teatrais, musicais, e outros e ao chamarem um contador de histórias querem que ele faça seu trabalho voluntariamente. Posso dizer seguramente que fiz mais trabalhos voluntários do que remunerados no passado. Atualmente só faço trabalhos voluntários em instituições assistenciais. Não aceito mais voluntariado em instituições que podem,

mas não querem remunerar dignamente o trabalho do contador de histórias.

O contador de histórias precisa ser remunerado pelo que faz porque tem gastos: participando de cursos, comprando livros não apenas de literatura, mas também os que lhe oferecem aporte teórico, bem como adquirindo material de apoio que usa para contar algumas histórias.

Além do dinheiro, quem conta histórias investe tempo, muito tempo! Lendo, para conhecer e selecionar histórias, memorizando-as, ensaiando até que elas cheguem ao ponto ideal para serem divididas com outras pessoas e isso envolve: ocupar-se com o ritmo da narrativa, modulação de voz, com os diferentes sentimentos e emoções que história desperta e que definirão as expressões faciais do narrador, gestos que reforcem determinadas ideias, sem contar a preparação de materiais de apoio exigidos em algumas narrativas como máscaras, pequenos adornos e outros tantos que não são encontrados no mercado para serem adquiridos.

Não basta querer ser contador de histórias, é preciso preparar-se. Mesmo quando contava ou lia expressivamente histórias para meus alunos, o que fazia quase todos os dias, pelo menos realizava uma leitura prévia e sempre eram textos já conhecidos por mim.

Por ter sido professora e militado na Educação durante 38 anos penso nela como um todo. Gostaria imensamente que as escolas de Ensino Fundamental percebessem a importância da atividade do contador de histórias na formação de seus alunos, e oportunizassem aos professores e bibliotecários cursos que os preparassem e os motivassem para contá-las, e mais ainda incluíssem a contação de histórias e a leitura expressiva de textos poéticos e literários em seu horário regular, não como uma disciplina obrigatória e maçante para os alunos, mas, verdadeiros momentos de prazer e fruição artística. Algumas poucas escolas já o fazem em suas bibliotecas.

Além de formar leitores sempre acreditei que a atividade de ouvir e contar histórias pode ser um instrumento de humanização da sociedade. Vejo essa humanização por duas perspectivas uma delas é o ato de contar e ouvir histórias, que por si só que é um espaço de encontro de pessoas que abre portas para o diálogo, para o estabelecimento de relações de afeto e confiança entre os membros do grupo. Tenho mencionado muito essa questão, em encontros feitos com pais e familiares de várias escolas.

Desde a descoberta da luz elétrica, sua popularização e todos os inventos tecnológicos que vieram a seguir fomos, pouco a pouco, nos afastando uns dos outros. Deixamos de conversar para interagirmos com máquinas e com as pessoas através das máquinas. Fomos envolvidos por encontros passivos pela TV onde somos apenas expectadores, e mais recentemente pelos computadores, encontros à distância, um pouco mais ativos, mas frios e impessoais. As emoções que emergem e são sentidas no contato real entre as pessoas transformaram-se em bonequinhos estereotipados que enviamos uns aos outros para expressá-las.

Ao mesmo tempo em que a parafernália tecnológica dos tempos atuais transformou o mundo em uma ervilha, oportunizando maior comunicação entre as pessoas, está também transformando nossos sentimentos e emoções em ervilhas, e o pior: ervilhas secas! Estamos perdendo a capacidade e o prazer de rir juntos e sentir o calor da gargalhada do outro, chorar juntos e poder sentir o doce e confortador toque do abraço do outro. Enfim, o espaço de partilha de sentimentos e emoções diminui cada vez mais. É absolutamente necessário que tomemos consciência dessa situação e comecemos a criar espaços de encontros reais. Nada melhor para que tal aconteça que pais, avós, tios, professores voltem a contar histórias para suas crianças, permitindo que nesses momentos sentimentos e emoções sejam compartilhados no plano real, aproximando-os afetuosamente.

Não se pode negar, entretanto, que a tecnologia contemporânea é um grande trunfo na difusão dos trabalhos e das realizações dos contadores de histórias de todo o mundo. A rede de comunicação atual possibilita acesso às informações oportunizando a todos os contadores de histórias atualizarem-se, tomarem conhecimento de cursos, técnicas, livros, eventos, e mais ainda, pelas redes de comunicação e informação têm a possibilidade de divulgarem o próprio trabalho.

## **UM DIÁLOGO FINAL**

Agora passemos a olhar para as histórias como conteúdo partilhado pelo contador e seus ouvintes. Sabemos que é preciso primeiro curar cada pessoa individualmente, para que a sociedade possa ser curada pela ação desses seres saudáveis já que a sociedade é apenas o reflexo de cada um de nós.

Bruno Bethenhein, autor de *Psicanálise dos Contos de Fadas*, afirma no livro que baseado na observação de seus pacientes pode perceber que as pessoas que tiveram contato com Contos de Fadas na infância tornaram-se adultos mais equilibrados emocionalmente.

Clarissa Pinkola Estes, psicanalista mexicana que viveu boa parte da vida nos EUA, fala em seu livro *Mulheres que correm com os Lobos*, a partir de pesquisa realizada com suas conterrâneas, de como os Contos Populares exercem influência na formação da psique feminina. Expõe também da importância dos encontros entre mulheres para trocarem experiências e contarem histórias umas para as outras e como isso influencia no equilíbrio emocional de cada uma delas.

Hoje posso perceber que aquilo que para mim era apenas intuição, é abordado em pesquisas e em estudos científicos. Sempre tive a intuição de que as histórias poderiam ser uma alternativa de humanização dos seres, baseada apenas em minha experiência pessoal, considero-me uma pessoa sensível e emocionalmente equilibrada, trago comigo a certeza de que nada é para sempre, o que me faz usufruir com

alegria as fases boas da vida assim como tenho a compreensão de que os maus momentos são passageiros. Sei que esses sentimentos e emoções foram em grande parte construídos e reelaborados pelo contato que tive e continuo tendo com a Literatura, seja ela narrada oralmente ou pela leitura. Ora, se tudo isso deu-se comigo, porque não posso facilitar processos semelhantes de amadurecimento sócio-emocional contando histórias e incentivando a leitura? E mais ainda, provocando outras pessoas para que façam o mesmo com as novas gerações!

Dizem que “Ler é viajar sem sair do lugar” gosto dessa afirmação, ela é absolutamente real, tanto para a leitura quanto para as histórias ouvidas, ambas permitem que a imaginação corra solta criando diferentes imagens de mundos fantásticos, de lugares longínquos que talvez nunca visitemos, nos possibilitam a identificação com sentimentos, atitudes, emoções, personagens. Com elas aprendemos nos modificamos, nos tornamos mais sensíveis, mais humanos na medida em que nos comunicamos em redes.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

DAHER, Karyna Boamorte; REZENDE-FORINGER, Karina. Silvana Sampaio Professora de Arte, escritora e contadora de histórias. *REGRASP*, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 143-157, jun. 2017. Disponível em: < <http://seer.spo.ifsp.edu.br/index.php/regrasp/article/view/73/92> >. Acesso em: 2 set. 2017.

## **SOBRE OS AUTORES**

**Adriana Alcará** – Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde atua nos cursos de graduação em Arquivologia e Biblioteconomia e no programa de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação (PPGCI/UEL). Possui doutorado em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF), mestrado em Educação, especialização em Gerência de Unidades de Informação e graduação em Biblioteconomia pela UEL. É pesquisadora e líder do Grupo de Pesquisa Informação e Cognição, cujos projetos estão voltados para o estudo do processo de busca e uso da informação, focando principalmente na formação de habilidades informacionais e na competência em informação.

**Alzimar Ramalho** – Pós-doutora pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Comunicação pela Universidade de Marília (UNIMAR), especialista em Comunicação Visual em Mídias Interativas pela Universidade do Norte do Paraná e jornalista pela Universidade Estadual de Londrina. Foi docente da Universidade de Brasília, Centro Universitário de Araras e Fundação Educacional do Município de Assis. Atualmente é docente e pesquisadora na interface jornalismo e novas mídias do Centro Universitário IESB de Brasília.

**Amanda Xavier** – Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro e ex-bolsista de iniciação científica do Grupo de Estudos de Narrativas da Terra (GENTE) do Centro de Educação da UFES.

**Ana Cláudia Borges Campos** – Doutora em Ciência da Informação, Dinter UnB/UFES, mestre em Políticas Sociais, ênfase em Políticas

Públicas, pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora do Departamento de Biblioteconomia da Ufes, possuindo experiência em pesquisa em bases bibliográficas nacionais e internacionais; controle, atualização e encaminhamento de normas técnicas; pesquisa bibliográfica; gestão de documentos eletrônicos em drives de rede; administração de Centros de Documentação (impressos e eletrônicos); catalogação, indexação e pesquisa de imagens em movimento.

**Benedito Medeiros Neto** - Pós-Doutorado da Escola de Comunicação e Arte ECA/USP. Doutor em Ciência da Informação/Inclusão Digital pela Faculdade de Ciência da Informação da UnB. Mestrado em Pesquisa Operacional/Teoria dos Grafos (Estatística e Métodos Quantitativos) pela UnB. Especialista em Engenharia Elétrica/Inteligência Artificial pela UnB. Engenheiro Eletricista/Telecomunicações pela UnB. Vida Profissional: Bolsista Pesquisador do Projeto/MEC/MCTI/CAPES/CNPq/FAPs n. 09/2014. Pesquisador e Professor da FAC/UnB & CIC/IE/UnB. Pesquisador Associado da Escola do Futuro-USP. Participante do Comitê Técnico GT01 ENANCIB. Parecerista da Revista Ibero-America de CI/Faculdade de Ciência da Informação/UnB. Foi Consultor para Inclusão Digital do Ministério das Comunicação e Coordenador de Gestão do Conhecimento e Avaliação do Programa GESAC. Na ECT foi Gerente de Diretoria, Assessor da Vice-Presidência, Assessor/Apoio Técnico (FAT) de Diretoria da Tecnologia e Infra-Estrutura e Analista de Sistema Sênior. Foi Chefe de Seção de Telecomunicações do Sistema Telebras. Foi Professor de Ensino Superior/ESAP/ECT, Professor Universidade Católica de Brasília e Professor do CEUB. Fez parte do Conselho Editorial do Programa GESAC/Ministério das Comunicações. Áreas de atuação e pesquisa: Ciências da Computação, Informação e Comunicação; Ensino de TIC; Sistemas Colaborativos; Informática e Sociedade; Web Semântica;

Inclusão Digital; Cidades Digitais; Competência em Informação, Redes Sociais e Avaliação de Programas de Inclusão Digital e Inovação.

**Cláudia Maria de Oliveira** – Graduada em História da Arte. Membro da Academia Brasileira de Contadores de Histórias, do Grupo Planeta Contos e do Grupo Filhos de *Griôs*. Proprietária e gestora da Creche e Centro Educacional Reino Encantado, Vila Velha, Espírito Santo (ES).

**Daniela Lucas da Silva Lemos** – Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Ciência da Informação pela UFMG, especialista em Gestão Estratégica da Informação pela UFMG e graduada em Administração de Sistemas de Informação pela Faculdade de Sistemas de Informações Gerenciais da Una. Atualmente é professora adjunta e pesquisadora do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em organização da informação, representação do conhecimento e recuperação de informação, atuando principalmente nos seguintes temas: representação do conhecimento, ontologias, web semântica, linked data e descrição multimídia. Possui experiência na área de tecnologia da informação, com ênfase em bancos de dados, engenharia de software e análise e projeto de sistemas de informação.

**David Renault da Silva** - Graduado em Jornalismo, mestre em Comunicação e doutor em História, todos na UnB, tem Pós doutorado pela Universidade do Minho, Portugal. Professor do Departamento de Jornalismo FAC/UnB há 25 anos, foi professor responsável pela disciplina que produz o Campus, jornal-laboratório impresso do curso de Jornalismo da UnB, Campus Online, Técnicas de Jornalismo e Campus Repórter, entre outras. Foi coordenador de Ensino e Graduação da Faculdade de Comunicação (FAC), período em que coordenou a elaboração e implantação dos novos currículos das três

habilitações do curso de Comunicação. Professor Associado II, foi Diretor da Faculdade de Comunicação. Leciona atualmente as disciplinas Campus Repórter, Introdução ao Jornalismo, História do Jornalismo e Pré-Projeto em Jornalismo. Participa do programa de Pós-graduação da FAC, na linha de pesquisa Jornalismo e Sociedade e é líder do grupo de pesquisa Jornalismo e Memória na Comunicação.

**Eduardo Valadares da Silva** - Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na Escola de Ciência da Informação; Pesquisador do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE) da UFMG e Membro da Comissão de Bibliotecas Escolares do CRB 6ª Região. Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestrado em Educação pela UFES e Doutorado (em andamento) em Ciência da Informação pela UFMG. Tem experiência na área de Biblioteconomia, com ênfase em Biblioteconomia Escolar, atuando principalmente com os seguintes temas: biblioteca escolar, narrativas e educação.

**Elane Couto Uliana** – Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), professora substituta do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) na Secretaria de Educação de Vitória do Estado do Espírito Santo (ES).

**Elijance Marques dos Santos** – Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Ex-bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa “No balanço das redes dos contadores de histórias: competências em informação do sujeito narrador no século XXI”. Membro Externo do Projeto Informa-Ação e Cultura da Universidade Federal do Espírito Santo.

**Elmira Luzia Melo Soares Simeão** – Professora Associada e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB),

com mestrado em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atua na área de editoração, formação de acervos e competência informacional. Exerce a direção da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da UnB, sendo membro do Conselho de Ensino e Pesquisa da UnB (CEPE), Conselho de Administração (CAD) e Conselho Superior da UnB (CONSUNI). Professora na FCI, na graduação em Biblioteconomia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Parecerista em várias revistas da área de Ciência da Informação. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Publicações Eletrônicas e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas de pesquisa: tecnologia da informação, editoração, comunicação, ciência da informação, informação e saúde, comunicação extensiva, competência em Informação e inclusão digital. Representante da Universidade de Brasília no convênio com a Universidad Complutense de Madrid (UCM), onde mantém contato com pesquisadores nos departamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação e Documentação da UCM. Líder do grupo de Pesquisa Competência Informacional certificado pelo Conselho Nacional de Pesquisa do Ministério de Ciência e Tecnologia (CNPq).

**Fabiano de Oliveira Moraes** – Professor Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atuando no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação. Doutor em Educação e mestre em Linguística e graduado em Letras-Português pela UFES. Como escritor, publicou livros infantis pelas editoras: Cortez, Paulinas, Universo da Literatura, Universo dos Livros, Mazza, Franco, Nova Alexandria, Imeph e Elementar, dois deles selecionados pelo MEC para o PNBE. Publicou livros técnicos pelas editoras Vozes e Cortez. Participou de mesas redondas, realizou apresentações artísticas como contador de histórias e ministrou oficinas no Brasil e no exterior. Idealizador e Coordenador do Portal Roda de Histórias pelo qual recebeu o Prêmio Culturas Populares

2007, pelo MinC. Participou da Oficina 'Brincando na Diversidade: Cultura na Infância' (MinC), contribuindo com a elaboração de diretrizes e ações do Plano Nacional de Cultura.

**Fábio Vieira Pereira** – Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em convênio com a Universidade de Vila Velha do Espírito Santo (PUC-SP/UVV-ES), especialista em Recursos Humanos pelo Centro Universitário FAESA (Faculdades Integradas Espírito-Santenses), Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) e Filosofia e Psicanálise pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Graduado em Administração pela FAESA e Ciências Sociais pela UFES. Membro da Academia Brasileira de Contadores de História, do Grupo Planeta Contos e do Grupo Filhos de *Grios*.

**Joyce Del Frari Coutinho** - Gestora de Políticas Públicas e Gestão Governamental do Quadro de Carreira do Governo do Distrito Federal, concentra a sua trajetória profissional e especialização acadêmica no campo da comunicação pública e governamental. Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, possui formação pós-graduação *lato sensu*, na Universidade de Brasília (UnB), em Estratégias de Comunicação, Mobilização e Marketing Social e Estado e Sociedade Civil: Política e Gestão de Organizações Não-Governamentais. Atua na elaboração de planejamentos integrados de comunicação; articulação de estratégias e ferramentas de comunicação; redação e edição de conteúdos jornalísticos e institucionais; e gestão de projetos e equipes. Integra o projeto interdisciplinar de extensão Partilhar, da Faculdade de Comunicação da UnB, que visa desenvolver ações e criar produtos para a autonomia cidadã em rede. Trabalhou por 13 anos no Governo Federal, sendo 11 anos na Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom/PR), como Assessora Especial de

Planejamento e Articulação; um ano na Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR), como Assessora de Imprensa, onde colaborou na concepção e organização do seminário *A Mulher e a Mídia*; e outro ano no Ministério da Educação (MEC), como Chefe da Assessoria de Comunicação Social. Na UnB, atuou por quatro anos, no Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE/FAC). Entre outras funções, na Secretaria de Comunicação Social do DF (Secom/DF), foi Chefe de Gabinete e Chefe de Redação da Agência Brasília.

**Ingrid Simões Pereira** – Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

**Iguatemi Santos Rangel** – Professor adjunto I da Universidade Federal do Espírito Santo, atuando no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação com disciplinas de fundamentos da educação e estágio supervisionado para os cursos de licenciatura. Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestrado e doutorado em Educação pela UFES. Atuou como professor da educação básica nas redes estadual e municipal de educação nas áreas de ensino de educação física e educação infantil. Trabalhou como gerente de formação de professores da Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo (ES). Atuou como tutor do Programa de Educação Tutorial (PET) de Licenciaturas. Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Currículos, Culturas e Cotidianos (Nupec). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e processos de formação continuada de professores da educação básica. Os temas de interesses e aprofundamento de estudos e pesquisas são: educação infantil, ensino de educação física escolar, formação continuada de professores e currículo.

**Maira Cristina Grigoletto** – Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no Departamento de Arquivologia (Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas/CCJE). Doutora e Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (UNESP/Campus de Marília); Licenciada em História pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Atuou como pesquisadora junto ao Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP) e Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba (CODEPAC). Foi professora de História e História da Arte na rede particular de ensino; pesquisadora e curadora na reestruturação do Museu Histórico e Pedagógico "Prudente de Moraes" (Piracicaba/SP). Possui experiência nas áreas de História, Educação, Ciência da Informação e Arquivologia, atuando principalmente na linha de produção e organização da informação.

**Marcela Lopes Mendonça Coelho Amorim** – Graduada em Biblioteconomia e Serviço Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atualmente atuando como bibliotecária da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) na Secretaria de Educação de Vitória do Estado do Espírito Santo (ES).

**Marcelo Souza de Jesus** - Possui graduação em Administração com Habilitação em Análise de Sistemas pelo Instituto Compacto de Ensino Superior e Pesquisa e Especialização em Gestão de Pessoas, Master of Business Administration - MBA e Inteligência de Futuro de Mestrado em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília. Atualmente é pesquisador bolsista da Fiocruz-Brasília e docente do curso de Administração do Centro Universitário IESB. Tem experiência na área de Administração, atuando principalmente nos seguintes temas: ciência da informação, governança, rede e informação. Projetos de pesquisa com foco na aplicação dos métodos de Análise de Redes Complexas e validação de metodologia para obtenção e tratamento

de informações estratégicas na área de Ciência, Tecnologia e Inovação. Apoiador na prospecção de futuro e planejamento institucional. Como pesquisador do Colaboratório de Ciência Tecnologia Sociedade da Fiocruz-Brasília Mapeia dados relacionados à gestão de incorporação de tecnologias em saúde, armazenados no SUS; analisa os dados do Sistema para elaboração de relatórios gerenciais; analisa dados do Sistema para definição e elaboração de indicadores e apresentação de propostas de monitoramento da Sustentabilidade do SUS. Participação no grupo de pesquisa Políticas Públicas em Saúde, do(a) Fundação Oswaldo Cruz e pesquisador no grupo de pesquisa Jornalismo e Memória na Comunicação, do(a) Universidade de Brasília

**Márcia Helena da Silva Marques** – Especialista em Direitos Humanos pelo Instituto Superior de Educação e Cultura Ulisses Boyd, graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

**Márcia Marques** - Professora concursada do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Ciência da Informação e Mestre em Comunicação pela UnB, graduada em jornalismo pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Como integrante do GPCI, sou pesquisadora do campo de formação de competências para a informação e a comunicação em rede em ambientes digitais. No ensino, implementei disciplinas que relacionam transdisciplinarmente três campos do conhecimento: a Comunicação, a Informação e a Computação; para a gestão da memória e para o processo de aprendizado em rede. Também integro o grupo de pesquisa Gestão da Memória e Jornalismo, atualmente envolvido em duas investigações: a que orienta o desenvolvimento de tecnologias e soluções para a organização e acervamento da informação e conhecimento no CeDoc da FAC e a que faz o mapeamento dos veículos que produzem jornalismo independente, com objetivo de entender as novas conformações do processo de produção jornalística.

**Maria Giovana Soares** – Especialista em Gestão da Qualidade pela Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro (RJ). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

**Marta Leandro da Mata** – Doutora em Ciência da Informação, Mestre em Ciência da Informação e Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/Campus de Marília), com período de doutorado sanduíche na Universidade Carlos III de Madrid. É professora Adjunta do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Líder do grupo de pesquisa "Competência em Informação e Processos Inter-relacionados". Tem experiência na área de Ciência da informação e Biblioteconomia, atuando, principalmente com os seguintes temas: competência em informação, fontes de informação, formação e atuação do bibliotecário, preservação em unidades de informação.

**Meri Nadia Marques Gerlin** – Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Educação e graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Como professora adjunta do Departamento de Biblioteconomia da UFES lidera o grupo de pesquisa "Competência em Informação e Processos Inter-relacionados" certificado pelo CNPq, tendo coordenado o projeto de pesquisa, recentemente finalizado, "No balanço das redes dos contadores de histórias: competências em informação do sujeito narrador no século XXI". Atualmente coordena as ações dos projetos de pesquisa "Competência leitora numa sociedade conectada por redes de colaboração" e extensionista "Informa-Ação e Cultura". Trabalha com uma diversidade de atividades relacionadas com os campos do ensino, da pesquisa e da extensão universitária,

intercambiando temas no âmbito da ação cultural, competência leitora, competência em informação, competência narrativa, multiculturalismo e serviço de referência e informação.

**Mônica Regina Peres** - Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás, mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Rondônia e doutora na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB) onde também atuou professora substituta no curso de Biblioteconomia. Atualmente é prestador de serviço da Fundação Getúlio Vargas, professora voluntária e bibliotecária da UnB onde atuou como assessora de direção na Biblioteca Central. Tem experiência em gestão de projetos e com Educação Superior, atuando principalmente nos seguintes temas: biblioteconomia, tecnologias na educação, eventos, gestão, educação, educação inclusiva e ciência da informação

**Philippe Peterle Modolo** – Especialista em Psicopedagogia Institucional e Gestão Escolar pela FAVENI (Faculdade Venda Nova do Imigrante) e pesquisador independente no campo da educação e cultura.

**Renato Rocha Souza** – Possui graduação em Engenharia Elétrica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-doutorado em Tecnologias Semânticas para Recuperação de Informação - University of Glamorgan, UK, sob supervisão de Douglas Tudhope e com bolsa do CNPQ. É atualmente professor e pesquisador da Escola de Matemática Aplicada (EMAp) da Fundação Getulio Vargas e professor colaborador da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Representação do Conhecimento e Recuperação de Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: Sistemas de Recuperação

de Informações, Processamento de Linguagem Natural, Indexação Automática, Representação do Conhecimento, Ontologias, Gestão do Conhecimento. Tem também experiência em Tecnologia na Educação, Software Educativo e Ensino a Distância.

**Silvana Soares Sampaio** – Professora de Arte, contadora de histórias e escritora. Atua como contadora de histórias em escolas, lançamento de livros, seminários, bibliotecas, cursos de literatura infantil, Feiras Literárias com o objetivo de sensibilizar as pessoas sobre a importância do ato de ler. Foi membro do Comitê PROLER (programa de incentivo à leitura da Biblioteca Nacional) no Espírito Santo e durante este período fez vários cursos que deram maior fundamentação ao seu trabalho. Estudou na Fundação Armando Álvares Penteado–FAAP em São Paulo e possui especialização em Docência do Ensino Superior pela Universidade Candido Mendes. Publicou quatro livros de literatura infantojuvenil: Aventuras de um Vermelho Inquieto, Roda-Vida, Lendas Capixabas em Versos e Vento Sul, assim como contos, crônicas e poemas em antologias, revistas e jornais. Membro da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras-AFESL, tendo ocupado a presidência dessa instituição durante o biênio 2012-2014. É também membro do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo-IHGES.

**Taiguara Villela Aldabalde** – Professor e pesquisador da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) alocado no Departamento de Arquivologia. Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutor na linha de investigação "Ciências da Informação: Arquivo, Biblioteca e Documentação" na Fundação de Cultura Fernando Pessoa (Universidade Fernando Pessoa).

**Tatyane Mendes Ferreira** - Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pelo Centro Universitário de Brasília IESB e atualmente é repórter na editoria de sociedade do Portal de Notícias Metrôpoles. Tem

experiência na área de produção de textos jornalísticos para veículos impressos e digitais nas editorias de Política, Nacional, Educação, Economia e Formação Profissional e apuração de dados para pesquisas estatísticas, além de ligação com áreas de estudos sociais e literários. É integrante do projeto de pesquisa científica "Partilhar", trabalhando com a criação de um modelo pedagógico e o desenvolvimento da comunicação para facilitar a transmissão de conhecimentos entre os cidadãos e aumentando a participação cidadã deles. A pesquisa envolve as áreas de comunicação, educação, computação e tecnologias. Possui nível intermediário em espanhol e fluência em inglês.